

Índice

Contra os Itálicos: Nota da Tradução Inglesa	9
Lajes de Pedra para Shaista Mahal	19
Chuva de Fogo	35
Cobras Negras	53
Uma Decisão do Coração	73
Lungi Vermelho	97
Candeia Coração	113
Sapato de Salto Alto	127
Sussurros Delicados	147
Um Vislumbre do Paraíso	165
O Sudário	183
O Professor de Árabe e o Gobi Manchuriano	203
Sê Mulher por Uma Vez, Oh Senhor!	215
Agradecimentos da Autora	227

Candeia Coração

Lajes de Pedra para Shaista Mahal

Da selva de betão, dos luxuosos prédios empilhados como caixas de fósforos até ao céu, dos veículos buzinares e cuspidores de fumo que nunca paravam, dia e noite, como se o único objetivo da vida fosse o movimento constante, e depois das pessoas, pessoas, pessoas — gente sem amor uns pelos outros, sem confiança mútua, sem harmonia, sem sequer um sorriso de reconhecimento — eu quisera desesperadamente livrar-me de tão sufocante ambiente. Por isso, quando o Mujahid apareceu com a notícia da sua transferência, fiquei verdadeiramente feliz.

Arey, já me esquecia. Devia explicar-vos quem é o Mujahid, não é? O Mujahid é a minha pessoa-casa. Oh, isto assim soa um pouco estranho. Geralmente é a mulher quem fica em casa e, portanto, é ela a pessoa-casa. Nesse caso, o Mujahid talvez seja a minha pessoa-escritório. Pois, pois... Outra vez asneira. Afinal de contas, o escritório não é meu. Como hei de defini-lo então? Se empregar o termo yajamana e lhe chamar dono, então, terei de ser uma serva, como se fosse um animal, um cão. Tenho alguma formação. Obtive uma licenciatura. Não gosto de estabelecer estes papéis de dono e serva. Deverei então referir-me ao meu marido como «ganda»? Também é uma palavra demasiado pesada, como se me esperasse uma gandantara, uma catástrofe. Mas porquê dar-me a todo este trabalho? Podiam sugerir-me que empregasse o simpático «pati» para marido

— por outro lado, nenhuma mulher vai a casa seja de quem for e apresenta o marido dizendo «Este é o meu pati», certo? Não é uma palavra propriamente coloquial. É bastante literária. Se empregarmos a palavra pati, então, teremos necessariamente de lhe acrescentar devaru, uma prática comum que iguala o marido a Deus. Não é minha intenção conferir tão elevado estatuto ao Mujahid.

Agora que penso nisso, para nós, isto é, nós, Muçulmanas, diz-se que Alá está lá em cima e que o nosso pati é Deus na terra. Imaginem uma situação em que o corpo do marido está cheio de chagas, a escorrer pus e sangue. Diz-se que, mesmo que a mulher lhe limpas essas feridas com a língua, ainda assim não teria pagado por completo a dívida que tem para com ele. Se ele for um bêbedo, ou um mulherengo, ou se todos os dias a chatear por causa do dote — mesmo que todos estes «ses» se apliquem, ele continua a ser o marido. Não importa a religião a que se pertença; é ponto assente que a esposa é a serva mais obediente do marido, a sua trabalhadora forçada.

Por esta altura, já devem ter percebido qual a minha relação com o Mujahid. Além disso, também devem ter percebido o que penso sobre o assunto. Não é falha minha; quando o Mujahid, ou seja, o meu companheiro de vida, foi transferido, mudámo-nos para uns alojamentos belíssimos no projeto da barragem de Krishnaraja Sagar. Depois, deixou-me lá, com a jaqueira e os limoeiros, a dália, o jasmim, os crisântemos e as rosas no jardim da frente, as folhas de caril, os feijoeiros e as trepadeiras de melão-de-são-caetano nas traseiras. Ele, por outro lado, estava ocupado durante vinte e oito das vinte e quatro horas do dia, todos os dias, a trabalhar no escritório ou a fazer pesquisa no Gabinete de Investigação em Engenharia de Karnataka.

O mesmo acontece agora. Uma brisa fresca percorre-me o corpo e a mente. Uma vez que não tenho ninguém com quem conversar, estou aqui sentada no meio do jardim a divagar convosco sobre o assim chamado marido. Mas... arey! O que é isto? A motorizada do Mujahid e a esta hora do dia! Olhei para o relógio. Eram só cinco da

tarde. Franzi o cenho; não me mexi do lugar. O Mujahid mostrou-me os dentes. Mantive os meus firmemente escondidos atrás dos lábios. Ele fez uma vénia, pôs-me o capacete na cabeça, puxou-me pela mão e disse:

— Hum, vamos! Dou-te oito minutos. Tens de te despachar e estar a sair de casa nesse espaço de tempo. Se não o fizeres...

Esperem lá. É melhor dar-vos algum contexto. Somos recém-casados. Para ser mais específica, estamos casados há dez meses e treze dias. O Mujahid já tentou outras peripécias como esta. Numa ocasião, empenhou-se imenso a entrançar-me o cabelo, espetando-me cento e dezoito ganchos na cabeça para o fixar. Satisfeito com o resultado, tirou até uma fotografia. Eu parecia um macaco. Noutra ocasião, tentou fazer-me usar calças, mas mesmo as suas calças mais largas ficavam-me apertadíssimas e teve de desistir da ideia. Depois tentou encorajar-me a fumar, para que o vissem como uma pessoa muito liberal e social. Fico muito irritada quando os outros fumam perto de mim, pelo que, em vez de soprar o fumo, aguentava-o dentro do peito e depois agia como se não conseguisse parar de tossir e estivesse aflita para respirar. Pobre coitado. Ficou mesmo aborrecido. Mas todos esses desastres aconteceram nos primeiros três meses do nosso casamento e agora somos um casal perfeitamente «normal».

— Posso perguntar aonde vamos?

— Sim, podes perguntar. Há um homem chamado Iftikhar Ahmed na fábrica de Belagola. Conheci-o há uns oito dias. Convidou-nos para irmos hoje a sua casa, em Belagola — replicou o Mujahid.

Não demorei nem sete minutos a despachar-me. O Cheluva veio a correr atrás de mim e deteve-se junto ao portão. Ficou todo contente quando lhe disse:

— Não cozinhes nada para o jantar. Quando regressar, cozinho eu.

O Mujahid parecia muito bem-disposto. Conduzia a motorizada muito devagar. Ao ouvi-lo assobiar uma canção hindi, perguntei-me se deveria fazer-lhe cócegas. Mas por essa altura já estávamos na rotunda de Belagola.

Assim que a motorizada se aproximou da casa, o homem parado no exterior sorriu e abriu-nos o portão todo. Desci do veículo e subi a pé o caminho de acesso. O complexo por si só era maior do que os nossos alojamentos. Quando vimos todas as comodidades, perguntei-me se não estaríamos num jardim ou num parque. De ambos os lados do caminho de acesso havia uma goiabeira com uns cabos de ferro que fixavam um balouço aos ramos mais grossos. A toda a volta viam-se trepadeiras de jasmim e uma grande variedade de rosas, tudo em flor. Fiquei deslumbrada.

Calculei que o homem parado na rua fosse o Iftikhar. Nesse instante, apareceu a dona da casa, cumprimentou-nos com um educado salaam e recebeu-nos no seu lar. No espaço de meia hora, nós, o Iftikhar Bhai e a Shaista Bhabhi já nos dávamos lindamente — fiquei muito surpresa! Ao ver o Mujahid falar majoritariamente com a Shaista Bhabhi, decidi meter-me com ele quando estivéssemos a sós. Mas, mal percebi que ela não só era muito mais velha do que ele como também parecia ter um coração puro e nenhuma segunda intenção, achei que não deveria fazer piadas à sua custa. Era uma alma simples e genuína, e ao fim de poucos minutos de conversa já nos estava a mostrar os seis filhos. Três raparigas e três rapazes. À exceção da mais velha, Asifa, todos pareciam macaquinhos sem cauda. Como se me tivesse lido a mente, a Shaista disse:

— Que queres que te diga, Zeenat, não foi nada planeado. Quando dei por isso, já tinha seis filhos. E ali o teu Bhai Saheb — disse ela, inclinando a cabeça na direção do Iftikhar — opôs-se quando pus a hipótese de fazer uma operação. Mas depois do sétimo irei fazê-la com toda a certeza.

— Não há necessidade disso, Shaista. Quem os cria sou eu. Porquê tanta preocupação? Graças a Deus ganho o suficiente para que nada falte a nenhum deles — interpôs o Iftikhar.

— Ah, quer então dizer que basta ganhar o suficiente! Pois a minha doce Asifa foi obrigada a abandonar os estudos por minha causa. Sabes o que isso me custa?

— Não é bem assim. Fi-la deixar a escola porque as raparigas não precisam de muitos estudos. O certificado de conclusão do secundário basta. Não há necessidade de ir para a universidade para andar lá a passear em Mysuru. Podemos casá-la para o mês que vem — replicou Iftikhar.

— Nem pensar. Casei-me aos vinte anos. Tornei-me mãe de seis filhos ao longo dos últimos dezassete. Se casares a minha filha tão cedo... — A voz de Shaista perdeu-se no ar.

Eu e o Mujahid ouvimos tudo em silêncio. A Asifa, assunto dessa discussão, estava parada à janela, com o irmão ao colo. Incomodou-me olhar para a sua beleza tão jovem e ouvir serem tomadas decisões sobre o seu futuro. Pensando bem, a Shaista era mais bonita do que eu. O Iftikhar pôs-se de pé, como se lhe tivesse ocorrido algo de repente, e disse:

— Shaista, tu e a Zeenat Bhabhi podiam vir sentar-se lá fora. Eu apanho umas flores...

Eu e a Shaista saímos para o exterior. A Asifa tinha alimentado o irmão a biberão e agora estava a pô-lo a arrotar, com palmadinhas nas costas. A Shaista sentou-se num balouço e eu sentei-me no outro. Gostava imenso de andar de balouço, por isso comecei a dar balanço cada vez com mais força. A alegria de subir ao alto e de tocar no chão ao descer! Então vi o Iftikhar Bhai a arrancar pequenos botões de jasmim com um cesto de plástico atado à cintura. O Mujahid brincava com as crianças no jardim da frente. Pouco depois, o Iftikhar veio deixar o cesto de plástico nas mãos da mulher e em seguida trepou a goiabeira. A Shaista, sentada no balouço, começou a fiar as flores numa grinalda.

O Iftikhar trouxe goiabas para mim e para a Shaista, deu uma cotovelada à mulher para que esta lhe arranjasse espaço no balouço e depois chamou:

— Asifa, traz-nos um chá, querida.

A Asifa tinha ido deitar o irmão e voltado cá fora, calada e tímida devido à presença do Mujahid. Assim que ouviu o pai chamar, en-

trou para fazer o chá. Era a décima chávena de chá do Iftikhar desde que ali estávamos.

A Shaista dividiu os botões de jasmim que tinha estado a fiar em duas peças idênticas e ofereceu-me uma. A sua fixou na coroa da cabeça, pendurada como uma corda. Ficava-lhe bem na trança comprida e grossa. A Asifa veio trazer mais uma chávena de chá ao Iftikhar. Não me parecia nada bem que a Shaista estivesse a enfeitar-se com tantas flores e a ignorar por completo a filha crescida.

— Vem cá, Asifa — chamei-a e tentei oferecer-lhe a minha grinalda. Ela recusou, mas forcei-a a sentar-se ao meu lado e prendi-lha no cabelo. Os olhos da rapariga encheram-se de lágrimas e ela desapareceu casa adentro, na mão a chávena vazia e o pires do Iftikhar.

Começava a escurecer. No instante em que estava a pensar em ir-me embora, o Iftikhar disse:

— Já viste, Zeenat Bhabhi, plantei esta goiabeira para a Shaista. Todas as plantas e flores deste jardim são as suas favoritas. Plantei esta videira de uva branca Anab-e-Shahi de propósito para ela.

— Iftikhar Bhai, dá gosto olhar para vocês dois. Parece prestar imensa atenção ao que a Bhabhi gosta e não gosta.

— E não só. Fosse eu imperador e teria construído um palácio que envergonharia o Taj Mahal e chamar-lhe-ia Shaista Mahal...

Por essa altura, já o Mujahid tinha parado de brincar com as crianças. Aproximou-se e interpelou-o:

— Oh, ho ho! Cala-te, Iftikhar, não sabes o disparate que estás a dizer. O imperador construiu o Taj Mahal como um mausoléu para a falecida mulher. Que Alá dê uma vida longa à Bhabhi. Ela aqui sentada mesmo à tua frente e tu a falares em construir um Shaista Mahal!

Por momentos, o Iftikhar pareceu hesitar.

— Mas ninguém pensa no Taj Mahal como um mausoléu. É considerado um mohabbat ki nishani, um símbolo do amor. Eu disse-o nesse sentido.

Ainda assim, o Mujahid não deixou passar e retorquiu:

— Sim, sim, um símbolo de amor morto.